

António Cascais, Jornalista

Colónia, Alemanha, 26.06.2009

“Conhecer Angola através do olhar de um jornalista”

Tive, nos últimos tempos, várias oportunidades de conhecer Angola como jornalista. Desde finais de 2007 estive lá quatro vezes e preparo-me agora para uma quinta viagem, que – tudo indica – se realizará já em Agosto deste ano...

O que eu vi, nestas quatro viagens - que fiz como jornalista - não me surpreendeu particularmente, pois eu já imaginava o que me esperava. O que surpreendeu, no entanto, foi a intensidade das impressões. Eis algumas notas soltas que podem soar como lugares comuns, mas que – apesar de tudo – na minha opinião - não deixam de corresponder à realidade:

1. reparo:

“Angola é um país com uma natureza bela e abundantemente, Angola é um país riquíssimo em recursos naturais, mas Angola é, também, lixo, corrupção, injustiça, falta de saúde, miséria e falta de liberdades.”

2. reparo:

“Angola é um maravilhoso laboratório multi-étnico e multi-cultural (não tanto como o Brasil, mas quase), em que todos convivem e se misturam de forma harmoniosa, mas – ao mesmo tempo – existem muitos problemas inter-étnicos no mosaico angolano...” (Chokwe, hereros, Ovimbundus, brancos, mulatos, negros... o preconceito persiste e é cultivado...)

3. reparo:

“Angola é um país independente há mais de 30 anos, mas a independência tarda a chegar a todos. Hoje em dia, Angola é dominada por um sistema ‘neo-colonial’, um sistema em que um grupo pequeno domina política, económica, cultural e militarmente sobre a maioria da população que é completamente excluída. Os actuais dirigentes adquiriram – por assim dizer - os métodos de dominação dos Senhores antigos (dos colonos) e acrescentaram ainda os métodos “estalinistas” ou seja de opressão tipo ditadura comunista e, mais recentemente, os métodos do capitalismo exacerbado.”

Resumindo:

“Angola é um país interessantíssimo, que faz vibrar qualquer jornalista. Valeu a pena tê-lo lá estado e tê-lo presenciado - in loco – esta fase importante que aquele país lusófono atravessa... Já estive em quase todos os países lusófonos, todos me fascinaram, mas Angola é especial...”

Vou tentar – ao longo desta intervenção - especificar estas minhas afirmações iniciais, mas antes do mais, quero falar-vos – muito sinteticamente, do momento que Angola atravessa, enquadrando-o no contexto histórico do país...

Vou, portanto, fazer um breve resumo da história recente de Angola:

A luta armada pela libertação de Angola do colonialismo português começou em 1961 e culminou na independência em 1975.

Eram três os movimentos que lutavam pela independência:

A **FNLA**, ideologicamente não alinhada, de Holden Roberto, que actuava no Norte de Angola,

a **UNITA**, de Jonas Savimbi, os denominados chineses negros, maoístas, que actuavam no interior e leste de Angola, e

o **MPLA**, marxista-leninista, de Agostinho Neto, que actuava sobretudo no exílio e que – de quando em vez - executava acções militares contra o poder colonial português...

(Segundo os relatos que recolhi, o MPLA era o movimento menos implementado no terreno, militarmente menos forte que os outros, era mais um movimento intelectual de pessoas – sobretudo mulatas e brancas, instruídas e europeizadas - que actuavam desde o exílio – Argélia, União Soviética, Portugal – mechendo os “cordelinhos diplomáticos”...)

Na sequência do derrube da ditadura em Portugal, (a 25 de Abril de 1974), abriram-se perspectivas imediatas para a independência de Angola. O novo governo revolucionário português abriu negociações com os três movimentos de libertação sobre a implantação de um regime democrático, com a participação dos três movimentos - ([Acordos de Alvor](#), Janeiro de 1975).

Mas é sabido que – por motivos ideológicos – o MPLA era o movimento que na altura mais convinha ao governo revolucionário em Portugal. (Rosa Coutinho, “Alto Comissário” de Angola, não se entendia com a UNITA e muito menos com a FNLA, pois tinha sido preso pela FNLA, dois meses no Congo, e guardava desses tempos muito más recordações. Segundo me foi relatado Rosa Coutinho, mesmo antes da independência oficial de Angola, terá autorizado o desembarque de “cooperantes” (leia-se cooperantes militares) cubanos em Luanda, assim como a entrada em Angola de “barcos cheios de armamento para o MPLA”, nos portos de Lobito, Benguela, vindos da União Soviética e da Ex-Jugoslávia, etc...)

A independência de Angola não foi – portanto - o início da paz, mas o início de uma nova guerra aberta. Muito antes do Dia da Independência, a [11 de Novembro de 1975](#), já os três grupos nacionalistas que tinham combatido o colonialismo português lutavam entre si pelo controlo do país, e, em particular, pelo controlo da capital, [Luanda](#). Cada um deles era na altura apoiado por potências estrangeiras, dando ao conflito uma dimensão internacional.

A [União Soviética](#) e principalmente [Cuba](#) apoiavam o MPLA, que controlava a cidade de Luanda e algumas outras regiões da costa. Com a ajuda de 50mil soldados cubanos o MPLA conseguiu formar um governo socialista uni-partidário.

No meio do caos que Angola se havia tornado, cerca de 800 mil portugueses abandonaram o país entre [1974](#) e [1976](#), o que agravou de forma dramática a situação económica.

A guerra continuava a alastrar por todo o território. A UNITA e a FNLA juntaram-se então contra o MPLA. A UNITA apresentava-se entretanto como sendo anti-marxista e pró-ocidental, sendo apoiada pelo Zaire de Mobuto, pelos Estados Unidos, pela Baviera e pela África do Sul.

Agostinho Neto morreu em [Moscou](#) a [10 de Setembro de 1979](#), sucedendo-lhe no cargo o então “[ministro da Planificação](#)”, o engenheiro [José Eduardo dos Santos](#).

No início da [década de 1980](#), o número de mortos e [refugiados](#) não parou de aumentar. As infra-estruturas do país eram consecutivamente destruídas. Fala-se em perto de 1 milhão de mortos, e milhões de mutilados... (vítimas de minas antipessoais, que continuam a matar gente em Angola...)

A partir de [1989](#), com a queda do bloco da ex-União Soviética, sucederam-se em Angola os acordos de paz entre a UNITA e o MPLA.

Em **31 de maio de 1991**, com a mediação de Portugal, EUA, União Soviética e da ONU, celebraram-se os **acordos de Bicesse (Estoril)**, terminando com a guerra civil desde 1975, e marcando as eleições para o ano seguinte.

As eleições de Setembro de **1992**, deram oficialmente a vitória ao MPLA (cerca de 50% dos votos).

A UNITA (cerca de 40% dos votos) não reconheceu os resultados eleitorais. Quase de imediato sucedeu-se um banho de sangue, reiniciando-se o conflito armado, primeiro em Luanda, mas alastrando-se rapidamente ao restante território.

Em Novembro de **1994**, celebrou-se o **Protocolo de Lusaka**, na **Zâmbia** entre a UNITA e o **Governo de Angola** (MPLA). A paz parecia mais do que nunca estar perto de ser alcançada.

Entretanto o Ocidente passara a apoiar o governo do MPLA (Os Estados Unidos reconheceram José Eduardo dos Santos como Presidente), o que marcou o declínio militar e político da UNITA, com este movimento a ter cada vez mais dificuldades em financiar as suas compras militares.

Em Dezembro de **1998**, Angola retornou ao estado de guerra aberta, que só parou em **2002**, com a morte (no mato) de **Jonas Savimbi**.

Com a morte do líder histórico da UNITA, este movimento iniciou negociações com o Governo de Angola com vista à deposição das armas, deixando de ser um movimento armado, e assumindo-se como mera força política.

Em Angola formou-se então um denominado GURN – governo de Unidade e reconciliação nacional – que deveria preparar eleições parlamentares, eleições essas que tiveram lugar em Setembro de 2008 e que deram a vitória esmagadora ao MPLA.

(Fim do resumo da história mais recente de Angola)

Foi precisamente naquela fase que antecedeu às segundas eleições parlamentares em Angola que eu viajei, pela primeira vez, a Angola...

A primeira viagem que eu fiz a Angola foi em finais de 2007 e durou quase dois meses: O objectivo era colaborar e dar alguma formação na rádio Despertar, uma rádio independente do governo e do partido MPLA.

“Independente” – entre aspas – já que os donos da Rádio Despertar eram e são conotados com a UNITA...

Note-se que o sistema de imprensa e radiodifusão em Angola era e é um sistema ainda controlado pelo poder.

É portanto, difícil ouvir ou ler – na comunicação social angolana - uma crítica ao governo ou ao Presidente. A rádio Despertar é uma de apenas duas exceções em todo o país, tendo – como previa o acordo de Lusaka - recebido uma frequência apenas na grande Luanda, a par da Rádio Ecclesia, emissora católica, que já existia antes da independência, e cujos bens tinham sido confiscados pelo Estado angolano em 1977.

As minhas experiências na Rádio Despertar – em poucas palavras – foram as seguintes: Ao longo dos dois meses, em que lá trabalhei, tive a oportunidade de conhecer a Luanda dos musseques, a Luanda dos pobres, a Luanda dos excluídos, uma vez que era lá precisamente que a Rádio Despertar era ouvida...

Já que a rádio não dispunha de qualquer meio de transporte, eu tinha que me deslocar aos locais de reportagem de “taxi”, isto é em transportes colectivos, em carrinhas tipo “Toyota Hiace”, geralmente apinhadas de gente, ou seja: transportando até 16 pessoas...

Foi durante essas viagens, pelas ruas esburacadas e de terra batida, cheias de lixo, respirando o ar poluído dos escapes dos carros que entopem as estradas da grande Luanda, que eu consegui vê e ouvir de perto os problemas e as angústias das camadas mais pobres de Luanda, uma cidade outrora construída para 500mil habitantes, mas que agora é povoada por talvez 4 milhões (alguns dizem 5 ou mesmo 6 milhões) de pessoas.

E os problemas dos angolanos, hoje em dia, são muitos...

Queria falar-vos apenas de duas situações que eu pessoalmente presenciei. Uma é a questão da falta de segurança e violência, muita das vezes perpetrada a até por parte de militares e polícias: Os grupos mais vulneráveis da sociedade são os que mais sofrem, crianças, jovens, mulheres... todos os dias pessoas telefonavam para a Rádio, denunciando caso de violações e agressões contra mulheres...

Um dia telefonou alguém dizendo que uma jovem “zungueira” (vendedora ambulante) fora morta com um tiro na cabeça, por um polícia, em pleno mercado dos Congolenses. Fui logo ao local, acompanhado de um jovem jornalista angolano, para registar o que se tinha passado. Testemunhas oculares diziam que o polícia tinha aliciado a Senhora a dar-lhe um beijo, ameaçando de a multar por venda ilegal na rua, caso ela não correspondesse. A jovem

zungueira, de nome Bela, recusou e levou um tiro mortal na cabeça, da arma do polícia, que se ausentou calma- e friamente do local, não se sabendo se fora ou não preso posteriormente. Tirei fotografias do sangue e da canastra de Bela, que ainda se encontrava na rua, e quando o meu colega queria fazer uma reportagem em directo para a rádio despertar fomos impedidos de a fazer por dois polícias à paisana que ameaçaram prender-nos e levar-nos à famigerada DNIC, direcção nacional de investigação criminal...

Coisas assim aconteciam praticamente todos os dias... como acontecia quase todos os dias pessoas ligarem para a Rádio Despertar a chorar, dizendo que tinham sido expulsas das suas casas, por empresas de construção civil, que queriam construir condomínios de luxo nas zonas onde habitavam. Muitas das vezes as pessoas falavam mesmo de mortes de cidadãos que não queriam aceitar as expropriações...

Os bairros em questão eram considerados perigosos, pelo que os populares os tinham baptizado de “Bagdad”, “Gaza” ou mesmo “Iraque”... Na Rádio Despertar, os populares falavam ao vivo via telemóvel sobre o que estava a acontecer nesses bairros... Na minha opinião, como jornalista, era necessário, no entanto, verificar – in loco - a veracidade dessas informações...

E foi isso que eu quis fazer no dia 28 de Novembro de 2007, juntamente com o Director da Rádio... Apanhámos, portanto, um táxi colectivo e fomos ao bairro do Iraque, onde estavam a decorrer demolições de casas. Uma empresa chinesa, contratada por empresários supostamente ligados ao MPLA, estaria a demolir as casas dos populares para dar lugar a um condomínio fechado, por sinal chamado “Jardim do Éden”!

Quando lá chegámos, deparámos com um cenário de guerra civil... caterpillars a destruir as casas dos populares.... as pessoas desesperadas - mulheres, crianças – vêm ao nosso encontro e iniciam uma manifestação espontânea, gritando “Abaixo o MPLA, abaixo o MPLA!”

Depois foi tudo muito rápido: Aproximaram-se carros blindados da polícia militar, pegam em mim rasgam a minha camisa, ameaçam bater-me, confiscam-me a minha câmara... eu estendo a minha carteira de jornalista. Vejo o meu colega receber várias bofetadas, depois somos atirados para o chão de um veículo da polícia militar... Pedras, lançadas pelos populares vôm em direcção dos polícias, os polícias disparam para o ar... um cenário digno do nome que os populares deram a este bairro: “Iraque”.

Somos levados para o estaleiro, o director da obra interroga-nos horas a fio, exige que peçamos desculpa, especialmente o meu colega é intimidado... não se admite que ele tenha infiltrado um estrangeiro no Jardim Eden....

Horas depois o caso é entregue à DNIC... Entretanto as duas rádios independentes do país, a Despertar e a Ecclesia, tinham começado a noticiar o sucedido...

Pouco depois fui liberto, foi-me entregue grande parte do material confiscado... e foi-me dada a possibilidade de apresentar queixa contra os agressores...

As minhas viagens pelos musseques de Luanda serviram – pois - para confirmar o que as estatísticas internacionais referem:

Angola é rica, exporta perto de 2 milhões de barris de petróleo por dia, é um dos maiores produtores de petróleo de África e o maior fornecedor da China... mas...

- ...aparece no 166. lugar – entre 177 países do mundo – no índice de desenvolvimento humano!
- A organização “Transparency International” considera Angola um dos países mais corruptos do mundo...
- Segundo a OMS, Angola é também um dos países com maior taxa de mortalidade infantil do mundo. Organizações humanitárias manifestam regularmente a sua preocupação com os altos níveis de doenças com cólera, malária e sida...

Enquanto muitos angolanos lutam diariamente pela sobrevivência, uma pequeníssima camada de angolanos ricos compra acções de empresas estrangeiras. A cónsula de Portugal contou-me que o consulado português de Luanda é o consulado português que mais vistos para turistas emite, milhares de angolanos são capazes de viajar num fim de semana a Lisboa, simplesmente para vêr um jogo do Benfica...

O homem mais rico – dizem - é o Presidente da República. Uma das personalidades mais destacadas é ainda Isabel dos Santos, empresária de 39 anos de idade, filha do Presidente, que controla a maior operadora de telecomunicação, tem interesses nos maiores bancos angolanos, na empresa de diamantes Endiama, assim como importantes operações com empresas portuguesas, como a GALP, o banco Espírito Santo, Cimentos de Portugal, Portugal Telecom, etc., etc...

Angola está a crescer e os governos de praticamente todo o mundo entraram numa autêntica corrida e caça ao petróleo e às oportunidades de negócio que Angola oferece.

Em 2007 o preço do petróleo nos mercados internacionais tinha ultrapassado os 150 US\$/barril... Angola acabava de ultrapassar a Nigéria, a Líbia e o Sudão como maior exportador de petróleo de todo o continente africano; devido ao boom do petróleo o crescimento económico tinha subido para 15 por cento em 2006, as previsões para 2007 apontavam para perto de 30 por cento de crescimento...

O então ministro alemão da economia da Alemanha, Michael Glos, preparava uma visita a Angola, acompanhado de 80 dos maiores e mais influentes empresários alemães. As empresas alemãs – assim como as chinesas, portuguesas, francesas, espanholas, etc. descobriam o potencial de Angola, como comprador dos seus produtos.

As seguintes viagens que eu fiz a Angola tiveram a ver com as eleições legislativas que se aproximavam... Chegou, de facto, o mês de Setembro de 2008, altura para fazer a cobertura jornalística das eleições parlamentares de Angola, para a Rádio Deutsche Welle e, também - em conjunto com o correspondente da ARD em Joanesburgo – para o primeiro canal da televisão alemã.

Tratou-se de uma experiência inigualável, pois as eleições de 5 de Setembro eram de grande importância histórica tanto para Angola como para África em geral.

Antes de tudo é preciso realçar que as eleições ocorreram num clima pacífico. Não houve casos de grande violência, não houve mortes, coisa que não é evidente, comparando o caso de Angola com os casos mais recentes das eleições no Quênia ou no Simbabwe.

Há que dizer que as eleições aconteceram apenas 6 anos depois de fim da guerra em Angola; paz essa, que foi possível depois da morte de Jonas Savimbi. Foi, pois, exemplar a postura dos cidadãos de Angola, que participaram nas eleições num clima de calma...

No entanto cabe questionar também se as eleições foram, de facto, transparentes.

Vamos – antes do mais - analisar os dados e resultados finais destas eleições:

Segundo a Comissão eleitoral, dos cerca de 8,3 milhões de eleitores, inscritos nos cadernos eleitorais, cerca de 7,2 milhões terão ido às urnas: uma participação significativa, portanto.

Concorreram aos 220 assentos na Assembleia Nacional nada menos de 10 partidos e 4 coligações.

O resultado oficial foi o seguinte:

O MPLA conquistou cerca 191 dos ao todo 220 assentos, ou seja nada menos de 81,64 por cento.

O segundo maior partido foi a UNITA, com 10,32 por cento, elegendo apenas 16 deputados, enquanto que os restantes 13 assentos foram para o PRS, partido de Renovação social, (8 deputados), para a FNLA, (3 assentos) e para a Nova Democracia (2 deputados).

Os restantes partidos e coligações foram extintos, depois de terem falhado o mínimo de 0.55 por cento dos votos, exigidos na lei eleitoral, para poderem continuar a existir.

As organizações internacionais que tinham enviado observadores a Angola para supervisionar estas eleições, apressaram-se em validar o escrutínio; caso da comunidade de desenvolvimento da África austral, SADC, caso também da Comunidade dos países de língua oficial portuguesa, CPLP, caso também da União Europeia (UE), que dois dias depois das eleições emitiu um relatório, reconhecendo os resultados, salientando que (citação) “a contagem decorreu de forma transparente” e que os media cobriram a campanha eleitoral “num ambiente de liberdade de expressão”.

As observações da sociedade civil foram, no entanto, diferentes...

- muitas mesas de voto não abriram, boletins de voto não estavam disponíveis, sobretudo em zonas consideradas bastiões do principal partido da oposição, a UNITA...

- a muitos candidatos da oposição foi criadas dificuldades durante a campanha eleitoral (exemplo: líder do PRS, Eduardo Kwangana)...
- urnas seladas teriam sido transportadas por desconhecidos para lugares incertos (testemunho do jornalista Coque Mokuta)
- os meios de comunicação estatais e controlados pelo governo e pelo MPLA fizeram propaganda para o partido no poder e contra os partidos de oposição (exemplo: dissidentes dos partidos da oposição choram e aderem publicamente – e em directo na TV - ao MPLA)

A conferência de imprensa da Missão de observadores da União Europeia, presidida pela deputada ao Parlamento Europeu Luisa Morgantini, teve lugar no Hotel Trópico, no centro de Luanda. Estavam presentes mais de cem jornalistas internacionais. Ninguém questionou, ninguém criticou, o reconhecimento das eleições. Eu próprio ousei, no entanto, perguntar como é que se podem considerar as eleições transparentes quando tinham sido presos durante horas jornalistas da Rádio Despertar que queriam denunciar actos de suposta fraude. E pedi que fosse passada a palavra a Coque Mukuta, um jovem jornalista que tinha sido preso e que estava sentado mesmo ao meu lado, mas os representantes da UE prometeram investigar o assunto, e prosseguiu-se a conferência de imprensa, como se nada tivesse acontecido.

Ao mesmo tempo tenho que reconhecer que não havia hipótese real de contestar as eleições, pois todo o mundo estava mais interessado na estabilidade política do que na verdade.

O primeiro-ministro de Portugal tinha até classificado as eleições de Angola como exemplo para “toda a África e até para todo o mundo”. Os muitos interesses económicos em Angola, os avolumados investimentos não poderiam, de forma alguma, ser postos em risco. Era importante a estabilidade e a paz. Questões como a verdade eram empurradas para segundo plano...

Saliente-se que também os partidos da oposição, nomeadamente a UNITA e a FNLA, assim como o PSR, depois de alguns tímidos protestos, acabaram por reconhecer o resultado...

Resta-me agora falar sobre a minha **quarta viagem a Angola**, em Abril deste ano, para a cobertura da visita do Papa Bento XVI a Angola. Note-se que o Estado angolano – por motivos ideológicos – imediatamente depois da independência tinha combatido a igreja católica, tendo procedido mesmo – em 1977 – à confiscação de grande parte dos bens da igreja. Ultimamente houve uma reaproximação. José Eduardo dos Santos – segundo consta – passou mesmo a frequentar a missa de domingo. Angola foi o primeiro país de África a ser sistematicamente evangelizado. Foi também palco da primeira diocese em território africano. Ora a igreja católica tem todo o interesse em manter a sua influência naquele que é um dos poucos países em África ainda com uma população maioritariamente católica. Mas a hegemonia da igreja católica encontra-se ameaçada, nomeadamente pelas inúmeras igrejas protestantes, e seitas evangélicas e pentecostais, vindas sobretudo do Brasil e dos Estados Unidos, sejam elas a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Maná, os metodistas, baptistas etc., etc...Acontece que estas igrejas constituem uma ameaça, tanto para o regime angolano, como para a igreja católica. E é aí que se cruzam os interesses de Joseph Ratzinger e de José Eduardo dos Santos, que prefere claramente a igreja católica, que em Angola é nitidamente conservadora, apelando ao respeito pelas instâncias do Estado, enquanto que as igrejas evangélicas são nitidamente mais subversivas, missionando tanto na cidade de cimento como nos intermináveis musseques, à volta de Luanda.

No entanto, foi interessante para mim vêr que a visita do Papa foi considerada pela esmagadora maioria do povo como sinal de esperança de mudança. E o papa não desfraudou as expectativas, tocando – nos seus discursos - em temas críticos, como a pobreza, a desigualdade e a corrupção, para desagrado de círculos ligados ao governo angolano...

Conclusão:

Um jornalista perguntou ao dirigente da organização SOS habitat, Luiz Araújo, considerado um dos activistas com maior visibilidade na luta pelos direitos humanos em Angola, qual seria a solução para os problemas das maravilhosas gentes de Angola. Luiz Araújo respondeu: “eu tenho uma proposta: é um pouco como fazer Ctrl-Alt-Del no computador, um ‘reset’ ao sistema angolano, uma revolução pacífica...”

Encerro aqui o meu discurso fazendo minhas as palavras de Luiz Araújo....